

• Nacional**PERSPECTIVAS**

Economia Brasil Mais otimismo no segundo semestre

por José Casado
de São Paulo

A inflação continuará elevada, os juros internos tendem a subir ainda mais e antevê-se uma ligeira desaceleração nas taxas de crescimento da produção industrial. Mesmo assim, os empresários brasileiros mostram-se menos pessimistas do que estavam no começo do ano nas suas avaliações sobre o comportamento global da economia neste segundo semestre.

O planejamento operacional da maioria das empresas está sendo feito com base na expectativa de que a inflação deve permanecer no patamar de 9% ao mês — as projeções da taxa anual variam entre um mínimo de 170% e um máximo de 250%.

"Há mais esperança", resume Oswaldo Miguel Frederico Ballarin, presidente do grupo Brown Boveri: "Estamos vendo indícios de uma retomada da economia e isso contribui decisivamente para reduzir o pessimismo neste início de semestre".

O grande crescimento nas exportações e o reinício dos investimentos no campo, que começam a provocar um efeito em cadeia em todo o setor industrial, são os fatores determinantes nessa mudança de perspectiva dos empresários.

OS EFEITOS

No setor químico, por exemplo, já se opera a plena carga, diz Paulo Guillerme de Aguiar Cunha, presidente do grupo Ultra: "Vamos exportar US\$ 200 milhões e as vendas internas estão atingindo o ponto de equilíbrio, em função da crescente demanda das indústrias exportadoras de produtos finais".

O quadro é semelhante na indústria de máquinas. As vendas externas dos fabricantes de caldeiras, máquinas, ferramentas, aparelhos e instrumentos mecânicos aumentaram 30% nos primeiros seis meses do ano. A produção de máquinas agrícolas cresceu 98%, "e deve igualar-se aos níveis de 1980, último ano em que os agricultores investiram pesado", observa Walter Sacca, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq).

No esforço de adaptação à crise interna, as empresas, em geral, alcançaram melhores níveis de rentabilidade operacional, através das exportações, e aperfeiçoaram seu fluxo de caixa. O resultado, segundo Laerte Setúbal Filho, vice-presidente da Duratex, é que os índices de liquidez são melhores, o que já está sendo percebido pelo sistema financeiro: "Os bancos estão fazendo fila nas portas das empresas para oferecer dinheiro. Eles voltaram até mesmo a fazer descontos de duplicatas, encarregando-se da cobrança, coisa que tinham abandonado no começo do período de recessão".

A RESPOSTA

Assiste-se a uma clara demonstração de que o setor produtivo confia e responde de forma positiva quando o governo adota uma linha de ação estável e duradoura na gerência da economia, como está fazendo com a política cambial — observa o economista José Júlio Senna, diretor do Banco Boavista.

Como se está numa etapa de pré-renegociação da dívida externa, os empresários acreditam que o governo não mudará o curso da política de estímulo às



**Oswaldo Miguel
Frederico Ballarin**

exportações. E, mais, tende a incentivar os investimentos na produção voltada ao mercado externo.

Há indícios concretos disso. A Sepplan, por exemplo, fechou o primeiro semestre com uma carteira de 46 projetos de expansão industrial negociados com empresas estrangeiras do setor químico-farmacêutico. Em troca da conversão de US\$ 100 milhões de dívidas externas em investimentos diretos, o governo concedeu a essas empresas tratamento preferencial na administração dos preços de seus produtos por um período de três anos.

OS LUCROS

Tais estímulos, mais a perspectiva de margens de lucros crescentes na exportação, levam executivos como Alain Belda, presidente da Alcoa, Enrique Sosa, da Dow Química, e Paulo Figueiredo, da Union Carbide, a prever que a expansão dos investimentos na indústria se dará, basicamente, nas linhas de produtos exportáveis.

E o governo também acredita nisso, como diz Carlos Viacava, diretor da Cacex, "porque vários setores como papel, celulose e siderurgia privada já estão operando no limite máximo de sua capacidade produtiva, em função da exportação".

Trabalha-se com algumas incertezas, define Renato Ticoulat, presidente da Câmara de Estudos e Debates Sócio-Econômicos (Cedes), entidade mantida por cerca de trinta instituições privadas. "Afinal, se não houver dinheiro suficiente para custear o plantio da safra 1984/85 vamos ter uma explosão inflacionária no começo do ano que vem", prevê.

Porém, mesmo com gestos de desconfiança em relação a alguns pontos fundamentais da política econômica, Luis Eulalio de Bueno Vidigal Filho, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), acredita que os empresários "começaram a respirar". E apostava numa taxa de crescimento de 1% para o Produto Industrial neste ano.

Quanto ao mercado interno, ainda em declínio (as vendas de automóveis caíram cerca de 20% e as de aparelhos eletroeletrônicos declinaram 15% no primeiro semestre), ninguém arrisca uma previsão de equilíbrio. Sugere-se, porém, que a transição política, com a definição do sucessor do presidente João Figueiredo, poderá influenciar a economia a uma retomada já no primeiro semestre de 1985: "Mas até mudar o governo ninguém pensa em crescimento interno. Entre outros fatores porque, por exemplo, mudar a política salarial hoje seria impraticável — o governo já não tem sequer maioria no Senado Federal", conclui Vidigal Filho.